

«Tanto dele quanto minha»: a personagem de Fernando e a guerrilha do Araguaia em *Azul-Corvo* de Adriana Lisboa

Mauro Cavaliere* 

Introdução: os estudos prévios

Publicado em 2010 pela editora Rocco, *Azul-Corvo* é o quinto romance de Adriana Lisboa e foi traduzido nos anos seguintes para uma dezena de línguas¹. A autora alcançou notoriedade já aos trinta e três anos, quando, em 2003, ganhou o Prémio Saramago com o romance *Sinfonia em Branco*². À data da publicação de *Azul-Corvo*, a autora, carioca, vivia nos Estados Unidos, mais precisamente no Colorado, havia cerca de três anos, elemento biográfico que se refletirá na configuração do romance³.

Com efeito, o romance está estruturado como uma narrativa de encaixe⁴ em que os episódios situados nos seis meses entre junho e dezembro de 2002⁵ são alternados com uma série de outros episódios que datam das décadas de 1960 e 1970.

Se não há dúvida de que o relato primário corresponde àquele em que uma garota de treze anos, Evangelina, apelidada por Vanja, tenta se estabelecer, depois de deixar o Brasil, num novo país, os EUA, um dos relatos secundários ocupa uma parte considerável do texto⁶ e é ambientado principalmente na Amazônia. É exatamente sobre este relato secundário que a minha análise se centrará.

* Doutorado pela Stockholm University (SU), Estocolmo, Suécia. Professor Associado na Università degli Studi Roma Tre, no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas Estrangeiras, Roma, Itália. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4618-7718>. E-mail: mauro.cavaliere@uniroma3.it

¹ Disponível em: <https://www.adrianalisboa.com/azul-corvo-en>

² Coqueiro (2014, p. 69).

³ O relato primário reproduz, do ponto de vista da polarização espacial, uma história muito pessoal: tal como a protagonista, Vanja, Adriana Lisboa mudou-se do Rio de Janeiro para o Colorado. Mas é preciso acrescentar que a projeção autobiográfica se limita apenas a este dado, uma vez que a jovem protagonista tem treze anos no momento da sua mudança para os EUA e vinte e dois no momento da narração, enquanto a autora, quando se mudou para os EUA, tinha mais de trinta. Trata-se, efetivamente, de duas mulheres pertencentes a duas gerações diferentes, podendo a autora situar-se entre a de Fernando e a de Vanja, embora mais próxima desta última.

⁴ Estrutura de encaixe é descrita por Carlos Reis (1992, p. 286-287). Quanto às noções de relato primário e secundário (no caso aqui estudado, analéptico) remeto para Genette (1998, p. 57-66).

⁵ Diversas referências internas do texto sugerem esta colocação cronológica, em especial duas que constituem um marco temporal preciso: quando do nascimento de Vanja, Suzana pede a Fernando que a registre como filha, o que ele faz. Depois disso, “[...] mais tarde, naquele mesmo ano de 1988” (LISBOA, 2010, p. 69), Fernando volta a Albuquerque para passar o Natal com as duas. Vanja fez catorze anos “em dezembro, naquele ano” (LISBOA, 2010, p. 214), o mesmo ano em que conhece a sua avó biológica (LISBOA, 2010, p. 211). Estamos, portanto, em dezembro de 2002, isto significa que nasceu em dezembro de 1988. Por outro lado, ela declara que quando morreu Timothy Treadwell (5/10/2003) ela tinha catorze anos (LISBOA, 2010, p. 73). Com efeito, faria quinze daí a dois meses.

⁶ De acordo com os cálculos de Leonardo (2018, p. 186), a porção textual dedicada à guerrilha do Araguaia corresponde a cerca de um terço do total. Aponto, de seguida, os capítulos em que este tema é desenvolvido.

Como é lógico quando se adota uma abordagem estrutural, as vicissitudes analépticas ambientadas no Brasil fazem todo o sentido quando ligadas ao relato primário ambientado nos EUA, e já tem sido realçado que as analepses que levam o leitor aos anos 1960-70 não são um mero pano de fundo, mas antes uma estratégia narrativa que visa estabelecer um equilíbrio entre dois mundos que se complementam por meio da memória do passado (LEONARDO, 2018, p. 185).

Outros estudiosos (MARQUES; CRUVINEL, 2021, p. 25-26), seguindo as teorias do sociólogo Maurice Halbwachs, sublinharam como esta estratégia narrativa tem em vista fazer de Evangelina a herdeira de uma tradição nacional e familiar. Em definitivo, na perspectiva dos estudos sobre a pós-memória, o testemunho de Fernando, assumidamente algo reticente no início, seria um elemento constitutivo da construção identitária da jovem adolescente.

As interpretações mais frequentes, e com efeito rigorosas e convincentes, insistem na tematização dos efeitos da globalização no romance. Bringel de Oliveira (2016, p. 5), numa excelente dissertação de mestrado, propõe-se evidenciar uma problemática de pertença já não mediada pela mera referência nacional, mas antes influenciada por um contexto de diáspora global. Da mesma forma, Rossi e Martins (2017, p. 113) apontam como o conteúdo narrativo marcado pela deslocação de um espaço para outro gera novos modos de pertença alternativos às tradicionais pertenças territoriais e nacionais.

Efetivamente, o romance detém-se em um universo peculiar em que quase todas as personagens do relato primário vivem absolutamente nos EUA mas são estrangeiras: a protagonista nasce nos EUA, portanto, é potencialmente cidadã americana, mas efetivamente é uma jovem imigrante brasileira que, à chegada, fala um inglês escolar; Fernando, um ex-guerrilheiro maoísta, emigrou primeiro para o Reino Unido e, posteriormente, para os EUA; Suzana, a mãe de Vanja, antecipando o destino da filha, muda-se do Brasil para os EUA, quando tem nove anos, para se juntar ao pai, que lá trabalhava; o pequeno amigo de Vanja, Carlos, é um imigrante salvadorenho ilegal. Entre as antigas amigas de Suzana que aparecem mais tarde no relato, June é inglesa e Isabel é porto-riquenha. A única americana “de gema” parece ser a avó biológica de Vanja, Florence, e, claro, o seu filho. No entanto, eles viveram durante vários anos na Costa do Marfim, onde, aliás, o filho reside atualmente. Como se pode ver, portanto, a marca do desenraizamento envolve a grande maioria das personagens do romance.

Este tipo de configuração torna as teses acima referidas cativantes e incontornáveis. Entretanto, é minha intenção mostrar como, para além da indubitável funcionalidade da narrativa analéptica – a que trata da militância revolucionária de Fernando na sua juventude – em relação ao relato primário, o protagonista deste mesmo relato vai ganhando profundidade ao longo da narração, adquirindo uma autonomia que, talvez, não tenha sido devidamente destacada na literatura crítica. Em última análise, a sua história não é apenas acessória à da protagonista, mas funcional ao debate histórico que se desenrola no Brasil à data da publicação do romance. Outro aspecto extremamente interessante é a construção dessa personagem, que procede de uma original reelaboração de personagens históricas. Além disso, essa elaboração parece basear-se, fundamentalmente, em informações retiradas de um único livro.

Porém, para facilitar a compreensão da análise, começarei com uma breve descrição estrutural do romance, na qual serão destacados o código temporal, o código narrativo e a tipologia de personagens que nele atuam.

Descrição estrutural

Como já foi referido, a narrativa primária decorre no segundo semestre de 2002, quando a jovem protagonista, Vanja, se encontra em Lakewood, um bairro de Denver, em casa do Fernando. Este último foi o marido da mãe de Vanja, Suzana, durante seis anos. Vanja, no entanto, nasceu após o fim desse relacionamento e procede de um breve caso de Suzana com outro homem, Daniel, que provavelmente nem sabe de sua paternidade, pois quando Suzana ficou grávida “sumiu da vida dele” (LISBOA, 2010, p. 68). Sozinha, Suzana pede ajuda a Fernando que, após o nascimento da criança, a reconhece como sua filha. Vanja, quando adolescente, encontra-se na casa de Fernando – que só a conheceu quando recém-nascida – devido ao falecimento prematuro de Suzana, que, na época, já vivia no Rio de Janeiro há mais de dez anos. Quando ficou órfã, Vanja morou cerca de um ano em casa de uma tia, Elisa⁷.

É durante esta estadia que começa a laboriosa procura do homem que, pelo menos no papel, é o pai de Vanja e, portanto, a pessoa que pode legitimamente exercer a função de tutor (LISBOA, 2010, p. 68) – mesmo não esquecendo que o motivo original da iniciativa é a busca do pai biológico. Uma vez localizado, Fernando mostra-se disponível para acolher Vanja. No entanto, como se trata de dois estranhos, há um acordo preliminar de que a jovem apenas será hóspede por um período limitado. Essa provisoriedade preliminar obedece a uma lógica rigorosa na economia da história, uma vez que Vanja não tem a menor lembrança de Fernando, e isso pela simples razão de que deixou os EUA aos dois anos de idade, quando sua mãe decidiu regressar para o Rio de Janeiro.

Partindo destas premissas, é narrada a história da integração de uma jovem estrangeira na sociedade americana: a sua inserção na escola e a aprendizagem do inglês; as suas novas relações sociais, onde se destaca a amizade com uma família de imigrantes salvadorenses ilegais – e, em particular, com Carlos, um menino de dez anos; depois, a procura do seu pai biológico por meio da identificação de alguns antigos amigos da sua mãe. Finalmente, *last but not least*, é narrado o desenvolvimento da relação entre Vanja e Fernando.

A história contada no relato primário é intercalada por uma série de analepses em que se reconstroem as histórias dos pais, sobretudo de dois dos três. À revelia do (significativo) pouco espaço dedicado ao pai biológico, Daniel, as narrativas analépticas desenvolvidas acabam por serem duas: a reconstrução da história norte-americana de Suzana (por meio do testemunho de Fernando e de antigas amigas de Suzana: June e Isabel) e a história de Fernando, ex-guerrilheiro, fugitivo, da guerrilha do Araguaia (doravante GA).

Como já foi referido, a série de analepses que constitui esta narrativa secundária ocupa uma parte considerável de todo o texto, o qual está dividido em 15 capítulos. Elas começam no terceiro capítulo, ocupam quase todo o capítulo 5, são retomadas em pormenor nos capítulos 7 e 12, e ocupam

⁷ Apesar de ser considerada irmã mais velha de Suzana, não existem laços biológicos entre as duas, uma vez que Elisa é filha da empregada doméstica dos pais de Suzana e de pai desconhecido. Lendo o romance, não se pode deixar de notar que os laços de sangue são, no fundo, pouco relevantes na vida das personagens. Um tema que, no entanto, não pode ser tratado neste trabalho.

quase todo o capítulo 14. Acrescente-se ainda que estas analepses não se limitam à história de Fernando na guerrilha (onde se destaca o seu caso amoroso com a guerrilheira Manuela), mas representam um relato sugestivo e comovente da GA no seu todo. Além disso, do ponto de vista da configuração das personagens, as analepses dedicadas à GA distinguem-se do resto do texto pela presença maciça de personagens históricas.

No entanto, devido à configuração estritamente autodiegética do texto do romance, o relato de Fernando sobre a GA é incorporado na narração de Vanja, que, aqui como noutros lugares, monopoliza toda a narrativa através da sua voz. Além disso, um pormenor que não é secundário ao considerar uma possível análise estilística do texto, a enunciação tem lugar oito anos após o núcleo narrativo de 2002 – coincidindo assim, presumivelmente, com o período de escrita do romance – e, portanto, quando Vanja tem vinte e dois anos. O décimo quinto capítulo é, efetivamente, um epílogo em que, cobrindo os oito anos que se seguem ao núcleo narrativo, se resumem brevemente os acontecimentos em torno de Fernando (que morre inesperadamente no ano anterior ao da enunciação), o encontro com Daniel (significativamente epilodal), as vicissitudes de Carlos e da sua família, uma rápida revista das personagens já mencionadas e, finalmente, a inserção exitosa de Vanja no seu novo país.

A historicidade no romance

O fato de Adriana Lisboa se debruçar sobre o trágico episódio da história recente do Brasil tem chamado a atenção para a pesquisa histórica realizada pela escritora. A esse respeito, Coqueiro (2014, p. 86-87), fala de “intensa pesquisa histórica” sem, no entanto, dar referências a eventuais hipotextos historiográficos utilizados pela autora. Alguns anos depois, Vecchi (2020, p. 50) fala, por sua vez, em “reconstrução fatural meticulosa” e “ampla documentação histórica”, destacando uma fonte em particular, a saber, uma volumosa investigação sobre a qual nos deteremos, *Operação Araguaia* (doravante OA). Não obstante, o artigo de Vecchi não se aprofunda na relação entre o romance e o hipotexto tão bem identificado, pois o artigo se dedica, mais adiante, ao desenvolvimento de uma sugestiva e refinada análise dos lugares de memória. Na prática, como assinala Marilene Weinhardt (2015, p. 252), a monumental reportagem de Moraes e Silva, OA, enquanto “fonte” primária de *Azul-Corvo*, já tinha sido apontada no mesmo ano da publicação do romance numa recensão publicada no *Correio Braziliense* (MACIEL, 2010).

Quem se dedica, ainda que parcialmente, a um cotejo textual entre OA e *Azul-Corvo* são Brauks e Barzotto (2014). No entanto, este artigo, que não se aprofunda sistematicamente na relação entre o texto historiográfico e o ficcional, não me parece colocar os dois textos na relação correta. Isto porque se podem ler afirmações como: “*Azul-Corvo*, assim como *Operação Araguaia*, faz referência às várias, operações das Forças Armadas Brasileiras, contra a Guerrilha do Araguaia” (BRAUKS; BARZOTTO, 2014, p. 151). Em rigor, ainda que apenas cronologicamente, não me parece correto afirmar que *Azul-Corvo* e OA se referem às mesmas operações militares, mas que o romance, neste aspecto, é tributário do texto historiográfico, que acaba por ser, quanto aos episódios dedicados à GA, um verdadeiro hipotexto.

Com efeito, muitos dos episódios do romance dedicados à GA acabam por ser uma verdadeira paráfrase de certas passagens de OA. A originalidade desta “recuperação”, como se observará, consiste

precisamente na elaboração particular de certas personagens e de acontecimentos, que se afastam da factualidade e para depois serem integrados na relato primário. Brauks e Barzotto (2014, p. 154) assinalam que as personagens de Fernando e de Manuela, ao contrário de muitas outras na narrativa analéptica, não coincidem com personagens históricas, a ponto de especificar que, justamente, o codinome “Chico” usado por Fernando na GA não permite identificá-lo com outros Chicos historicamente ativos nela. Para além disso, refere-se que também uma tal Joana (nome verdadeiro de Manuela no romance)⁸ parece não ter estado no grupo guerrilheiro. Como se verá, o particular destaque dado a estas duas personagens determinou uma série de reelaborações diegéticas e onomásticas que têm em vista conferir uma ampla autonomia das personagens no romance com respeito aos acontecimentos narrados em OA, embora, na realidade, essa autonomia diga respeito, acima de tudo, a Fernando, enquanto a história de Manuela é modelada a partir de uma guerrilheira real cujo nome e codinome, na história da GA, são, no entanto, diferentes.

As personagens

Uma vez que o artigo supracitado se refere à falta de correspondência histórico-onomástica de Fernando e Manuela com os militantes da GA, vejamos as personagens em que essa reformulação está ausente, ou seja, as personagens históricas citadas⁹, indicando os seus codinomes (quando aparecem no romance) em itálico. Seguindo, *grosso modo*, uma ordem hierárquica e etária, temos¹⁰: João Amazonas (3 vezes), Elza Monerat (2 vezes), Maurício Grabois (3 vezes), Ângelo Arroyo (2 vezes), João Carlos Haas Sobrinho (*Dr. Juca*, 1 vez), *Osvaldão* (Oswaldo Orlando da Costa, 6 vezes), Libero Castiglia (*Joca* apenas indicado com o codinome, 4 vezes), José Genoíno (codinome *Geraldo*, 1 vez), Walkíria Afonso da Costa (*Walk*, 2 vezes), Pedro Albuquerque (apenas indicado com o codinome de *Pedro*, mas nada menos que 8 vezes) e finalmente o casal *Beto* (Lúcio Petit da Silva, 2 vezes) e *Regina* (Lúcia Regina Martins, 3 vezes), ambos indicados apenas com o codinome. Para além dos elencados, aparecem mais outros cujos nomes e codinomes não se mencionam, mas que é possível identificar no texto historiográfico a partir dos acontecimentos que lhes dizem respeito.

Trata-se, praticamente, de uma amostra impressionante (no total os guerrilheiros da GA eram aproximadamente 80 pessoas).

⁸ Melhor esclarecer uma questão onomástica: no romance, Fernando é o nome verdadeiro do protagonista, enquanto *Chico Ferradura* é o seu codinome na GA, tal como Joana é o nome verdadeiro (sempre na ficção), da guerrilheira que tem um caso com Fernando, sendo o seu codinome, na GA, Manuela. Neste artigo serão utilizados os nomes Fernando e Manuela. A assimetria deve-se ao fato de estas serem as dicções mais utilizadas no texto, assimetria, por sinal, muito coerente, dado que Fernando aparece em todos os níveis da história, enquanto Manuela apenas aparece como guerrilheira nos episódios analépticos.

⁹ Note-se que a personagem histórica apenas é tal se o nome não for alterado, o que implica uma série de limitações diegéticas. Um caso diferente é quando temos uma alteração do nome, mesmo que a ação permita depois identificá-lo com uma personagem histórica (CAVALIERE, 2019; 2024).

¹⁰ Aqui, como noutros lugares, o codinome é indicado em itálico. A sua omissão corresponde a uma omissão por parte da autora do romance.

É preciso também acrescentar que, entre os veteranos, no romance, falta Michéas Gomes de Almeida, o mítico *Zezinho do Araguaia*, um dos poucos sobreviventes da GA (e ainda vivo hoje, agosto de 2025, com 91 anos). Mas vamos encontrá-lo em breve, ainda que disfarçado¹¹.

Entre as personagens históricas, no entanto, é concedida particular atenção à figura de Pedro Albuquerque Neto (LISBOA, 2010, p. 81-82). Como acontece em muitos casos, ele é mencionado apenas pelo seu codinome (que aqui corresponde ao seu verdadeiro prenome):

Dali a poucos meses o militante Pedro, que havia abandonado o Araguaia com a mulher grávida, seria preso em Fortaleza ao tentar tirar segunda via de sua carteira de identidade. Pedro pensava em voltar aos estudos de Direito. Sob tortura na Polícia Federal, inventaria algumas coisas, trocava nomes (a cidade de Xambioá, por onde os guerrilheiros também transitavam, viraria Xangri-Lá), mas acabaria dando pistas dos locais de treinamento das guerrilhas (LISBOA, 2010, p. 81).

O episódio é descrito em termos muito semelhantes na OA:

No dia em que os dois ficam sozinhos no acampamento, Ana avisa que aproveitará para fugir. Quer dar à luz longe da floresta. Pergunta se Pedro a acompanhará ou se ficará com os guerrilheiros. Pedro opta pela mulher grávida [...] Pedro chega a Fortaleza em junho de 1971. Fica clandestino até fevereiro de 1972. Sem documentos, tem a ideia de se dirigir ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) para retirar a carteira de identidade. Pretende voltar aos estudos na Universidade Federal do Ceará (MORAIS; SILVA, 2011, p. 40-41) [...] Na Polícia Federal, foi torturado e humilhado. Resistiu, mentiu e trocou nomes de pessoas e regiões. Xambioá, ele chamou de Xangri-lá (MORAIS; SILVA, 2011, p. 48).

Como já foi referido, noutros casos os infortúnios dos participantes na GA são relatados com anonimização dos guerrilheiros:

Preso, uma guerrilheira do destacamento C, por exemplo, antes mesmo de ser enviada para Brasília, conheceu o inferno ali, às margens do Araguaia, o Rio das Araras [...] Nua, ela foi socada e chutada no meio de um círculo de uns trinta homens [...] Molhada, foi torturada com choques (LISBOA, 2010, p. 161).

Esta descrição corresponde à da tortura de Lúcia, a Baianinha, nascida Luzia Reis Ribeiro (ela sobreviveu à repressão e está viva ainda hoje com 75 anos, agosto de 2025):

Lúcia andou mata adentro durante dois dias em busca de contato com o Destacamento C [...] Traída, caiu nas mãos da repressão [...] Lúcia saltou da canoa com as mãos amarradas. Os militares formaram um círculo e cerca de trinta homens a espancaram e a jogaram de um

¹¹ Sobre a noção de personagem disfarçada ver Cavaliere (2019; 2024).

para o outro. Deram-lhe socos e pontapés, a despiram e deitaram-na no chão [...] Dali [...] foi levada a uma tenda, onde passou a receber choques elétricos enquanto era interrogada (MORAIS; SILVA, 2011, p. 195-6).

Assim, nestes casos, deparamo-nos com uma série de vicissitudes recuperadas de OA em que são perceptíveis duas estratégias de ficcionalização, nomeadamente, nos casos recém citados, a anonimização de uma personagem histórica cujo nome, pelo contrário, é referido no hipotexto histórico e a ocorrência de um amortecimento da sua identidade por meio da referência apenas ao codinome.

Relativamente à construção de personagens relevantes no romance, Fernando, um verdadeiro deuteragonista, merece especial atenção.

Como já foi mencionado, a primeira referência à GA ocorre por meio de uma rápida menção à juventude de Fernando e surge no capítulo 3:

Fernando era conhecido como Chico Ferradura quando chegou à Academia Militar de Pequim [...] mas ele me contou que logo após desembarcar na China e ser recebido por uma comitiva oficial, em janeiro de 1966, foi convidado, junto com o restante do grupo de quinze militantes do Partido Comunista do Brasil, para ir à ópera. A ópera de Pequim não parecia uma ópera [...] Ali em Pequim, o espetáculo era outra coisa, misturava acrobacia, mímica, dança, canto, teatro [...] cantavam de um jeito completamente diferente de tudo o que ele tinha visto em seus vinte e dois anos de vida (LISBOA, 2010, p. 42-43) [...] Tudo tinha um preço quando ele rastejava pela lama congelada [...] quando assistia, à noite, às aulas teóricas de política (LISBOA, 2010, p. 46).

Cito a seguir uma descrição da chegada dos futuros guerrilheiros a Pequim para receberem instrução militar. A maioria destas passagens pertence aos primeiros capítulos de OA dedicados a Michéas Gomes de Almeida, *alias Zezinho*:

[*Pequim, janeiro de 1966*]¹² Uma rajada de vento frio soprou do lado de fora do avião. Do alto da escada, as primeiras imagens do Oriente pareciam um sonho para Michéas. Estava na China [...] uma comitiva oficial aguardava no solo o desembarque dos 15 brasileiros [...] Os brasileiros [...] chegavam com a tarefa de aprender técnicas de guerrilha na Academia Militar de Pequim (MORAIS; SILVA, 2011, p. 24-25). Receberam um convite para o teatro. O espetáculo misturava malabarismo e ópera, parecia um circo, porém diferente de tudo o que estavam acostumados a ver no Brasil [...] (MORAIS; SILVA, 2011, p. 28-29). De manhã tinham aulas teóricas; à noite, instruções militares. O inverno castigou os brasileiros, eles rastejavam na lama congelada até três horas seguidas (MORAIS; SILVA, 2011, p. 38).

Aparentemente, o relato analéptico do romance parece derivar de uma espécie de paráfrase do texto historiográfico, ou, como no caso seguinte, de uma citação real, que não é mais do que a citação de uma das famosas máximas de Mao Tsé-Tung:

¹² Entre colchetes ponho o título do parágrafo que antecede imediatamente o texto citado.

Quase quatro décadas depois, ele [Fernando] ainda sabia de cor as palavras do Camarada Mao: Quando o inimigo avança, recuamos; quando para, o fustigamos; quando se cansa, o atacamos; quando se retira, o perseguimos (LISBOA, 2010, p. 45).

A guerra de guerrilha será a principal forma de luta na fase inicial da guerra popular, sintetizada por Mao Tsé-Tung: ‘Quando o inimigo avança, recuamos; quando para o fustigamos; quando se cansa, o atacamos; quando se retira, o perseguimos’ (MORAIS; SILVA, 2011, p. 31).

Provavelmente, a construção da personagem Fernando é modelada a partir de Michéas, ou por melhor dizer, do Michéas de Almeida no seu período chinês. No entanto, para além da origem goiana comum, as duas personagens diferem em inúmeros traços. Em OA (MORAIS; SILVA, 2011, p. 34-35), ficamos a saber que o mítico guerrilheiro que sobreviveu milagrosamente ao massacre final de 1973-74 tinha trabalhado como marceneiro, enquanto Fernando era estudante de geografia; têm dez anos de diferença (Michéas nasceu em 1935 e Fernando em 1944)¹³ e, como veremos de imediato, o seu papel na GA será muito diferente. Com efeito, a figura de Fernando poderia ter sido moldada a partir de qualquer um, ou em todo o caso de muitos dos veteranos da GA que receberam treino militar na China. Se ele é aqui identificado com Michéas/*Zezinho*, é apenas porque as passagens que inspiraram o texto ficcional dizem respeito a Michéas no texto historiográfico.

Todavia, a personagem de Fernando também parece ser construída a partir de outra personagem histórica. Mais exatamente, trata-se da personagem Fernando quando construída em estreita relação com outra personagem, Manuela.

No texto ficcional, Fernando sobrevive ao desbaratamento da GA simplesmente porque, de forma inesperada, a abandona¹⁴. Isso acontece em setembro de 1973, pouco antes do primeiro ataque, o único bem-sucedido da GA, a um posto militar na selva. Vale a pena citar a passagem:

Manuela estava entre os guerrilheiros que participaram da ação. Chico deveria ter estado. Mas houve um momento, antes do raiar do dia, enquanto os comunistas do Araguaia se dirigiam à que seria sua primeira ação militar bem-sucedida, e Chico parou. Os outros continuaram imbuídos de seus pés e mãos e olhos e armas, e Chico parou. Ninguém viu [...] Viu Manuela ao longe, de costas, o cabelo amarrado, o cabelo que um dia tinha pertencido a uma estudante carioca versada em letras, esmalte de unha e xampus especiais [...] Ele viu Manuela ao longe e foi a última vez que viu Manuela. Ela continuou e ele continuou parado [...] Mateiro habilidoso que era, encontrou seu caminho para fora dali, para longe dali (LISBOA, 2010, p. 181-183).

Quando desapareceu, todos se interrogaram sobre o que poderia ter acontecido, mas ninguém suspeitou a sua deserção. Fernando tinha feito parte do núcleo inicial da GA, um dos quinze de Pequim,

¹³ Temos a primeira referência à idade de Fernando nas passagens em que ele está em Pequim e é mencionado, tem 22 anos (LISBOA, 2010, p. 42-43), por isso, nasceu em 1944 e na época do relato primário tem cinquenta e oito anos.

¹⁴ Porém, o seu abandono deveu-se à constatação lúcida do fracasso do projeto, pensamento que partilhou com a companheira sem a informar das suas intenções: “Pela primeira vez ele comentou com Manuela que, em sua opinião, a guerrilha não tinha como dar certo” [...]. Quando Manuela objeta que os militares não conhecem a selva, Fernando refila: “Eles [os militares] contratam mateiros. As pessoas se vendem por um nada” (LISBOA, 2010, p. 119).

um dos primeiros a chegar à zona escolhida para iniciar a guerrilha, Manuela, pelo contrário, tinha chegado muito mais tarde, vinda do Rio de Janeiro, completamente desprevenida, e apenas graças ao exemplo dos que já estavam habituados a sobreviver na selva é que encontrou coragem para continuar, acabando por manifestar uma fé algo ingênua nos seus dirigentes. E será ela a ficar, será ela a desaparecer sem deixar rasto.

O episódio em que uma jovem estudante do Rio de Janeiro se junta ao namorado, membro da guerrilha na selva, para depois ser abandonada, ecoa, na verdade, a história de Maria Célia Corrêa (*Rosa*) e João Carlos Wisnesky (*Paulo Paquetá*).

As mãos dela [Manuela/Joana] eram mãos finas de estudante carioca, bem mais acostumadas aos livros do que à selva. Na bolsa ela havia levado, em segredo, um frasco de esmalte e outro de acetona [...] A moça usava o codinome de Manuela [...] aprenderia a gostar e depois a gostar muito do garoto magro, que não era um garoto, que tinha vinte e cinco anos, dois a mais do que ela (LISBOA, 2010, p. 47-48).

Há pormenores na narrativa de Vanja que coincidem com os de OA. Trata-se, por exemplo, da falta de consciência de alguns militantes sobre o tipo de situação em que se encontrariam quando chegassem à zona da guerrilha. Esta passagem de OA mostra-o claramente:

Grabois gostava de brincar com os camaradas. O velho comunista caiu na gargalhada quando viu as malas preparadas por Luzia e Maria Célia para a viagem. A baiana levava fronhas e lençóis finos bordados pela mãe. A carioca carregava perfumes. As duas levavam camisolas e vestidos elegantes (MORAIS; SILVA, 2011, p. 190).

A carioca em questão é Maria Célia Corrêa (*Rosa*), estudante de ciências sociais e funcionária de banco (SÃO PAULO, 2020). Quer ir para a guerrilha para juntar-se com o irmão Elmo Corrêa (*Lourival*), a cunhada Telma Regina Cordeiro (*Lia*) e sobretudo estava «ansiosa para encontrar o noivo João Carlos Wisnesky, enviado antes pelo PC do B ao Araguaia» (OA: 191). Chega ao Araguaia em janeiro de 1972 (OA: 190). Enquanto Maria Célia, assim como o irmão e a cunhada, morre no desbaratamento da GA em 1974, Wisnesky (codinome *Paulo Paquetá*) abandona a GA logo no início dos combates, ou, como se diz mais detalhadamente em OA:

Um guerrilheiro de codinome Paulo, do Destacamento A, fugiu da área quando se dirigia ao posto de PM no grupo comandado por Zé Carlos [...] Vivia com a combatente Rosa e ficou conhecido no destacamento como Paulo Paquetá. Tratava-se de João Carlos Wisnesky, [...] Quando saiu da região, deixou a companheira no movimento armado (MORAIS; SILVA, 2011, p. 421).

Trata-se aqui, mais uma vez, do ataque ao posto de PM em setembro de 1973, o mesmo episódio descrito na citação anterior do romance. João Carlos Wisnesky, estudante de medicina e ex-futebolista profissional, chega na zona das operações em 1971. Ninguém teve notícias dele durante mais de três

décadas e, quando da publicação OA, os autores declaram que não o tinham encontrado na sua pesquisa (MORAIS; SILVA, 2011, p. 586). Foi identificado alguns anos depois quando trabalhava como médico em Niterói. Apenas a partir da 2009, comprometeu-se com as operações que têm em vista a recuperação da memória da GA e participou nas operações de identificação das ossadas (EX-GUERRILHEIRO..., 2010). O próprio Carlos Wisnesky refere que abandonou a GA discordando da linha do PC do B. Com efeito, os conflitos são realçados também por Studart (2020, p. 146-147), que aponta como Wisnesky arriscava ser executado pelas suas repetidas contestações ao grupo diretivo da GA.

Desse modo, Fernando é representado, num primeiro momento, como um veterano da guerrilha treinado em Pequim e, num segundo momento, como o desertor que abandona a sua companhia pouco antes da primeira operação militar. Ele é, por isso, a condensação de duas personagens históricas da GA, porém, ao longo da narração, uma personagem de profundidade crescente graças à liberdade concedida pela construção ficcional, isto é, ao facto de não ser vinculado ao nome de uma personagem histórica.

O tratamento de Manuela também goza de uma certa liberdade, mas talvez não na mesma medida que foi concedida a Fernando. Seguindo o texto do romance, parece que Joana, rebatizada como Manuela, chega à GA em 1969 (Fernando tem 25 anos), quando ela tem 23 anos, o que coincide mais ou menos com os dados biográficos de Maria Célia Corrêa (ela tem mais ou menos essa idade em 1969). Em realidade, a entrada de Maria Célia Corrêa na guerrilha é bastante tardia, em janeiro de 1972. De estudante de ciências sociais, no romance, é transformada, levemente, em estudante de letras, mantendo-se, contudo, a naturalidade carioca. Pequenos pormenores que não alteram a substância das coisas, já que, do ponto de vista actancial, Manuela é a jovem e inexperiente guerrilheira que aprende a arte da sobrevivência na floresta amazónica com Fernando e, depois, é abandonada, acabando por desaparecer, como muitos dos seus camaradas.

As páginas do romance em que se descreve o seu trágico fim são particularmente comoventes:

Entre os desaparecidos, entre aqueles que não se sabia como morreram e onde foram enterados estava Manuela. Ela um dia foi presa ao visitar, em busca de comida, uma camponesa que costumava colaborar com os guerrilheiros. Faminta, magra, doente, descalça, coberta de feridas e picadas de insetos, Manuela passou a noite na casa da camponesa e acordou cercada pelos militares. Depois disso, não se soube mais dela (LISBOA, 2010, p. 207).

Não se encontra em OA¹⁵ um relato exato da captura e do desaparecimento de M. C. Corrêa. No entanto, essas histórias dramáticas são, infelizmente, todas semelhantes, pela simples razão de que o contexto histórico e militar é o mesmo. Nesse sentido, as palavras dedicadas à captura de Manuela, parecem corresponder às de outra guerrilheira que já mencionámos, Lúcia Reis: «fugiu durante três dias pela mata antes de ser presa [...] Foi delatada por um morador a quem, faminta, pediu ajuda» (MORAIS; SILVA, 2011, p. 187).

¹⁵ Uma investigação histórica mais recente, por sinal muito contestada, proporciona, quanto a M. C. Corrêa/Manuela, um final feliz que não se encontra no romance e em vários relatos de membros do exército (BELÉM, 2018).

Entretanto, como acabámos de referir, o epílogo trágico une muitas das mulheres guerrilheiras, Áurea Elisa Pereira Valadão, por exemplo, que quando foi capturada era: «muito muito magra, faminta e doente, vestia apenas um pedaço de sutiã» (MORAIS; SILVA, 2011, p. 537).

Este cotejo entre o texto ficcional e o hipotexto histórico não implica, no entanto, qualquer juízo crítico negativo sobre o romance. Se, por um lado, se pretendeu esclarecer o fato de não se poder falar de investigação histórica aprofundada – âmbito que continua a ser de competência dos historiadores – por outro lado, pode certamente dizer-se que Adriana Lisboa se aplicou a uma leitura atenta de um livro fundamental sobre a GA¹⁶. Publicado em 2005, OA ganhou o prémio Jabuti de reportagem em 2006¹⁷, o que lhe deu uma considerável e merecida projeção nacional.

A configuração do Fernando

Uma vez estabelecido qual é o hipotexto dos trechos que no romance se dedicam à GA e da amálgama de que Fernando é constituído, não podemos certamente limitar-nos à mera observação dessa espécie de aglutinação. Embora historicamente inspirado nos episódios que envolvem Michéas de Almeida e João Carlos Wisnesky, Fernando adquire uma autonomia muito forte no romance. Resta, pois, apenas apreciar como a autora soube aproveitar o que leu e aprendeu com o livro de Moraes e Silva e soube introduzi-lo como uma narrativa analéptica, construindo assim uma personalidade, a meu ver, tão interessante quanto à da protagonista, isto é, Vanja. A relevância de Fernando é algo mais do que uma opinião pessoal, pois está baseada no texto do romance, onde, a propósito da busca de Fernando, se pode ler o que se segue:

Não podia ser assim tão difícil localizá-lo, e ele [Fernando] era a pessoa – a única pessoa – que poderia me ajudar [...] Era uma questão de responsabilidades pessoais. Minhas responsabilidades pessoais. E a inclusão de Fernando como personagem numa história que a princípio não tinha nada, ou quase nada, a ver com ele. Mas que acabou sendo dele tanto quanto minha (LISBOA, 2010, p. 57).

A de Fernando é, efetivamente, uma configuração complexa e profunda. Talvez, por causa ao seu carácter resignado e discreto ou por não ser narrador, não se faz justiça à sua estatura dramática. O ex-guerrilheiro, atormentado, parece realmente querer cumprir uma pena para o resto da vida, pois a culpa que sente é a de ter abandonado a companheira e os camaradas, pessoas que, dado o seu papel relevante na GA, o consideravam um modelo pelas suas aptidões, resistência, equilíbrio, correção e fidelidade à causa revolucionária.

¹⁶ Por outro lado, numa entrevista, *Adriana Lisboa* (2009) recorda o conselho de José Saramago, na altura em que ganhou o prémio com o seu nome: «não ter pressa, mas não perder tempo», que ela interpreta como um convite a trabalhar com calma, mas ao mesmo tempo a respeitar os prazos e, sobretudo, a não tentar dizer tudo no mesmo livro, que é o defeito que Adriana Lisboa encontra no seu primeiro romance, “abordar tudo”, quando mesmo um pequeno tema é suscetível de um desenvolvimento extenso. Pelo que se pode entender, a entrevista foi carregada em 2009, portanto antes da publicação de *Azul-Corvo*, provavelmente durante a sua escrita. A opção de referir-se a um só livro é provavelmente o resultado destas reflexões.

¹⁷ Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/jabuti/premiados-por-edicao/premiacao/?ano=2006>

A pena é cumprida de várias formas. Em primeiro lugar, nunca mais regressará ao Brasil, nem mesmo para matar saudades, embora, com a amnistia de 1979, o seu repatriamento não teria quaisquer consequências legais e, ao fim de tantos anos, provavelmente nem sequer retaliações por parte dos seus antigos camaradas, na sua maioria desaparecidos, ou ocupados a reconstruir as suas vidas.

Em segundo lugar, cumpre a sua pena com a paciência com que se mantém junto de uma mulher francamente insuportável e lhe permanece fiel mesmo depois de ter sido abandonado. Sobre o carácter inconstante de Suzana, é Elisa quem se expressa de forma mais clara: «sua mãe era uma boba. Mania de achar defeito em todo mundo. Ninguém prestava, ninguém servia. Foi por isso que ela acabou sozinha» (LISBOA, 2010, p. 66).

A sua disponibilidade para reconhecer uma paternidade que não é a sua, bem como a generosidade espontânea com que, mais de dez anos depois adota essa não-filha (e sem ter tido qualquer contacto com ela), parecem ser uma forma inesperada de se resgatar com uma inesperada oportunidade de realizar um último gesto heroico, recuperando, ainda que de forma diferente, o heroísmo da sua juventude. Fernando nem sequer demonstra qualquer ciúme particular quando se inicia a busca de um insignificante pai biológico, empenhando-se energeticamente na procura dele a partir do momento em que Vanja manifesta esse desejo (LISBOA, 2010, p. 56).

A vida de Fernando, em Lakewood, é monótona, solitária e resignada, o que é possível deduzir quando ele fala do seu duplo emprego:

Algumas vezes por semana Fernando saía [...] para fazer faxina. Uma boa maneira de complementar o orçamento, ele explicou. Fico três horas na casa da pessoa e embolso setenta dólares. Livres de imposto. E ninguém me perturba, nessas horas sou meu próprio patrão e a coisa toda se passa entre mim e o carpete, entre mim e as janelas, entre mim e as pias e privadas e azulejos de banheiro. Não é mau. Eu achava que Fernando não gostava de gente (LISBOA, 2010, p. 61).

A solidão é quebrada com a chegada de Vanja e a consequente viagem em busca de Daniel, uma vez que Fernando estabelece excelentes relações com June e, sobretudo, com Isabel (antigas amigas de Suzana). De resto, não o vemos na companhia de amigos (ou colegas), exceto no epílogo, onde a sua morte súbita, prosaica e anti-heroica, é narrada *en passant*. Fernando, em suma, é um infeliz caso de autoexílio, não somente do seu país, mas de si próprio, como as passagens seguintes deixam claro. A primeira refere-se ao momento em que deixa GA: «[Chico] Mateiro habilidoso que era, encontrou seu caminho para fora dali, para longe de tudo, de si mesmo inclusive» (LISBOA, 2010, p. 183). A segunda diz respeito a um estado de alienação que se segue ao abandono da GA e é expressivamente afirmado quando Vanja reflete sobre o encontro em Londres entre Fernando e Suzana: «ele havia deixado a vida para trás a fim de continuar vivo» (LISBOA, 2010, p. 131).

A némesse de Fernando consiste em amarrar-se a uma mulher marcada por uma tendência compulsiva para o abandono e a sua redenção na adoção de uma filha a quem dedica os últimos anos da sua não-vida, que, por meio deste encontro inesperado, se transforma de novo em vida. No entanto, a sua identidade, mesmo após trinta anos, parece indissociável da GA: “Fernando dormia e talvez em seu

sonho houvesse [...] os rostos daquela guerra amazônica que [...] ele não esqueceria nunca. Esqueceria, antes, seu telefone, seu endereço, seu próprio nome [...] mas não aquilo” (LISBOA, 2010, p. 112).

O motivo que a narradora parece sugerir, consiste no fato de a GA ser o momento mais alto da parábola existencial de Fernando que, em rigor, deveria ter terminado como a de Manuela e a da grande maioria dos seus companheiros.

O contexto cultural, político e jurídico da publicação: conclusões

Azul-Corvo foi publicado em 2010, num momento sensível do processo de recuperação da memória sobre a ditadura. No entanto, essa operação de recuperação começou muitos anos antes da publicação do romance, embora tenha acelerado e se tornado claramente visível no início dos anos 2000. Será útil retrazar brevemente as suas etapas com a ajuda de Studart (2020, p. 139-140).

O silêncio que reinava em torno do trágico episódio da GA foi timidamente quebrado, após a amnistia de 1979, por um livro fortemente crítico sobre a atuação do grupo dirigente do PC do B, escrito pelo filho de um dos dirigentes do partido, Wladimir Pomar, filho de Pedro Pomar (POMAR, 1980), a que se seguiram nada menos do que três livros de inquérito apenas nos anos 80 (durante e após a ditadura, portanto). Em 1996, num clima político bem diferente (a presidência de Fernando Henrique Cardoso), houve a abertura dos arquivos por familiares de militares mortos (mas não das Forças Armadas como instituição, culpavelmente silentes até hoje) e, num segundo momento, por dirigentes do PC do B (João Amazonas, Elza Monerat).

O tema da GA ganha considerável destaque editorial a partir do início dos anos 2000, onde se destacam as contribuições de Elio Gaspari (2002), Morais e Silva (2005) e Studart (2006) – e estou a cingir-me às publicações anteriores ao lançamento do *Azul-Corvo*. Estamos, portanto, numa fase de transição entre a segunda presidência de Fernando Henrique Cardoso e a primeira presidência de Luiz Inácio Lula da Silva. Foi durante a presidência do primeiro (1995) que foi promulgada a *Lei de Desaparecidos* e criada a *Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos* (CEMDP). Esta comissão produzirá os seus resultados em 2007 e será seguida pela criação da *Comissão Nacional da Verdade* (CNV) durante a presidência de Dilma Rousseff (2011), cujo relatório será publicado em 2014¹⁸.

É neste contexto que o romance foi publicado, ou seja, numa fase de transição entre os trabalhos da CEMDP e a criação da CNV. Neste sentido, para além das motivações estritamente pessoais da autora que conduzem ao tema do desenraizamento representado na narrativa primária, torna-se claro o imperativo de entrar num debate nacional e dar-lhe relevo, e isto num momento crucial da operação de recuperação da memória silenciada. A este tema, Adriana Lisboa dedica parte da narrativa analéptica, que, como vimos, se baseia no estudo de uma reportagem minuciosa sobre a GA e constrói, por meio de uma inteligente *desconstrução-reconstrução* do material histórico, a figura de Fernando, personagem que, actancialmente, desempenha a função de veículo de transmissão da memória (pessoal e histórica)

¹⁸ Somam-se a isso o filme *Araguaya: A Conspiração do Silêncio*, de Duque (2004), e os documentários *Palestina do Norte: o Araguaia passa por aqui* (IBIAPINA, 1998) e *Guerrilha do Araguaia: as faces ocultas da história* (CASTRO, 2007).

para uso de uma adolescente, mas que, como espero ter mostrado, adquire considerável profundidade psicológica, chegando a assemelhar-se à figura do desertor, figura abjeta que, no entanto, é tratada com grande carinho, quase como que significando a compreensão das contradições de uma geração presa entre uma opção radical motivada pelos abusos da ditadura e as irrealizáveis e quiméricas ambições do grupo dirigente do PC do B.

Assim, para além da sua relevância enquanto veículo de memória histórica, Fernando inscreve-se numa operação cultural que visa a exigência de justiça e de reparação por parte das famílias das vítimas e, detalhe não secundário, o direito a conhecer o destino final dos seus entes queridos. Neste sentido, a figura de Manuela é emblemática porque, como é relatado de forma rápida, mas contundente: «seus pais envelheceram e morreram sem saber nada dela» (LISBOA, 2010, p. 207). Em última análise, trata-se de recuperar a memória que se tentou matar juntamente com os desventurados guerrilheiros da GA, o que é magistralmente expresso nesta passagem: «era preciso matar e depois matar as mortes, digamos. Era preciso matar a história» (LISBOA, 2010, p. 206-207).

Referências

BELÉM, Euler de França. “Livro revela que 7 guerrilheiros do Araguaia negociaram com militares e sobreviveram”. *Jornal Opção*, Goiânia, 14 jul. 2018. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/filosofo-eduardo-giannetti-diz-que->. Acesso em: 8 set. 2025.

BRAUKS, Noraci Cristiane Michel; BARZOTTO, Leoné Astride. Uma narrativa contra o esquecimento: a história da guerrilha do Araguaia (1972-1975) em *Azul-Corvo*, de Adriana Lisboa. *Revista Memorare*, Tubarão, SC, v. 1, n. 2, p. 142-156, jan./abr. 2014. Doi: <https://doi.org/10.19177/memorare.v1e22014142-156>

CASTRO, Eduardo de. *Guerrilha do Araguaia: as faces ocultas da história*. 2007. Documentário. 55min.

CAVALIERE, Mauro. Metaficción historiográfica y autoficción: diferentes compromisos con la referencialidad en *Estação das Chuvas* de José Eduardo Agualusa y *Soldados de Salamina* de Javier Cercas. *Interlitteraria*, Tartu, v. 24, n. 2, p. 479-494, 2019. Doi: <https://doi.org/10.12697/IL.2019.24.2.16>

CAVALIERE, Mauro. O romance da história recente: subgênero ou periferia do romance histórico? In: WEINHARDT, Marilene (org.). *Trânsitos do passado e do presente: diálogos da ficção com a história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2024. p. 17-34.

COQUEIRO, Wilma dos Santos. *Poéticas do deslocamento: representações de identidades femininas no bildungsroman de autoria feminina contemporânea*. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

DUQUE, Ronaldo. Araguaya: A Conspiração do Silêncio. *YouTube*, 2004. 1h 45min. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=bB0cNgeotqg/>. Acesso em: 8 set. 2025.

EX-GUERRILHEIRO do Araguaia hoje é médico em Mossoró. *Tribuna do Norte*, Natal, 6 jun. 2010. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/natal/ex-guerrilheiro-do-araguaia-hoje-e-medico-em-mossoro/>. Acesso em: 8 set. 2025.

- FERNÁNDEZ PRIETO, Celia. *Historia y novela: poética de la novela histórica*. Pamplona: Eunsa, 1998.
- GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada: as ilusões armadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GENETTE, Gérard. *Nuevo discurso del relato*. Tradução: Maris Rodríguez Tapia Madrid: Cátedra, 1998. Titre original: Nouveau discours du récit.
- IBIAPINA, Dácia. Palestina do Norte: o Araguaia passa por aqui. *YouTube*, 10 de janeiro de 1998. 13min. Disponível em: <https://www.imdb.com/pt/title/tt0485264/>. Acesso em: 8 set. 2025.
- KINGSTONE, Helen. *Victorian narratives of the recent past: memory, history, fiction*. London: Palgrave-Macmillan, 2017.
- LEONARDO, Devalcir. História e ficção: a guerrilha do Araguaia recontada em *Azul-Corvo* de Adriana Lisboa. *Scripta Uniandrade*, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 177-194, 2018. Doi: <https://doi.org/10.18305/scripta%20uniandra.v16i2.1066>
- LISBOA, Adriana. *Azul-Corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- LISBOA, Adriana. *Entrevista com Adriana Lisboa*. [Entrevista concedida a] Ramon Mello. Saraiva Conteúdos, São Paulo, 25 set. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7dlt-qartxw>. Acesso em 8 set. 2024.
- MACIEL, Nahima. “Azul-Corvo narra o encontro de uma adolescente e um ex-guerrilheiro nos EUA”. *Correio Braziliense*, Brasília, 31 out. 2010. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/10/31/interna_diversao_arte,220736/azul-corvo-narra-o-encontro-de-uma-adolescente-e-um-ex-guerrilheiro-nos-eua.shtml. Acesso em: 8 set. 2025.
- MARQUES, Thayná Cavalcante; CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. Narração e memória: a herança de Evangelina em *Azul-Corvo*. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, v. 36, p. 21-36, 2021. <https://doi.org/10.5902/1679849X63299>
- MELLO, Evaldo Cabral de. O passado no presente. [Entrevista concedida a] João Gabriel de Lima. *Veja*, São Paulo, n. 1528, p 9-11, 4 set. 1998.
- MORAIS, Taís; SILVA, Eumano. *Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.
- OLIVEIRA, Marcus Rodolfo Bringel de. *A metonímia do pertencimento em Adriana Lisboa: identidade nacional e familiar em Azul-Corvo, Rakushisha e Hanói*. 2016. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2016.
- POMAR, Wladimir. *Araguaia, o partido e a guerrilha*. São Paulo: Brasil Debates, 1980.
- REIS, Carlos. *Pessoas de livro: estudos sobre a personagem*. Coimbra: Coimbra UP, 2015.
- REIS, Carlos. *Técnicas de análise textual*. Coimbra: Livraria Almedina, 1992.

ROSSI, Érica Alves; MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. O espaço e a construção da personagem no romance *Azul-Corvo. E-escrita*, Nilópolis, RJ, v. 8, n. 1, p. 107-121, jan./abr. 2017.

SÃO PAULO. Governo do Estado. *Memorial da resistência*. 10 jan. 2022. Disponível em: <https://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/maria-celia-correa/>. Acesso em: 8 set. 2025.

STUDART, Hugo. *A lei da selva: estratégias, imaginário e discurso dos militares sobre a Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

STUDART, Hugo. A presença na ausência do guerrilheiro Cílon Cunha Brum, codinome Simão. *Revista Historiador*, Porto Alegre, RS, n. 13, p. 138-157, dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/223>. Acesso em: 8 set. 2025.

VECCHI, Roberto. A impossível memória de Araguaia: um patrimônio sem memorial? In: OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; THOMAZ, Paulo C. (org.). *Literatura e ditadura*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 45-58.

WEINHARDT, Marilene. Filhos da geração de 1960/70: herdeiros da memória. In: WEINHARDT, Marilene (org.). *Ficções contemporâneas: história e memória*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2015. p. 237-258.

Recebido em 9 de setembro de 2025.

Aprovado em 13 de outubro de 2025.

Resumo/Abstract

«Tanto dele quanto minha»: a personagem de Fernando e a guerrilha do Araguaia em *Azul-Corvo* de Adriana Lisboa

Mauro Cavaliere

Publicado em 2010, o romance *Azul-Corvo*, de Adriana Lisboa, caracteriza-se por uma estrutura relativamente complexa: à história principal, em que Vanja, uma jovem órfã de mãe, se desloca do Rio de Janeiro para Denver em busca do pai, são intercalados por vários trechos narrativos analépticos. Entre eles, um trata da participação de Fernando, ex-marido de Suzana (a falecida mãe de Vanja), na guerrilha do Araguaia. Embora admitindo que a história principal é sobre Vanja, e concordando com as teses de vários acadêmicos de que o tema do romance é o desenraizamento e a busca de umas modalidades de pertença que vai para além do nacional e territorial, este trabalho centra-se na figura do deuteragonista, Fernando. Baseado na teoria da figuração da personagem (REIS, 2015), na poética do romance histórico (FERNÁNDEZ PRIETO, 1998) e da teoria da *novel of the recent past* (KINGSTONE, 2017), este trabalho se detém na configuração do deuteragonista para mostrar como a figura do Fernando (entre outras) procede da reelaboração de um hipotexto historiográfico, *Operação Araguaia* (MORAIS; SILVA, 2011) e, para além disso, como a construção identitária da adolescente Vanja aproveita da transmissão do relato histórico do Fernando.

Palavras-chave: *Azul-Corvo*, Adriana Lisboa, figuração da personagem, literatura e história, literatura e memória.

«Both his and mine»: Fernando's character and the Araguaia guerrilla movement in *Azul-Corvo* by Adriana Lisboa

Mauro Cavaliere

Published in 2010, Adriana Lisboa's novel *Azul-Corvo* is characterized by a relatively complex structure: the main story, in which Vanja, a young orphan girl, moves from Rio de Janeiro to Denver in search of her father, is intermingled with several analeptic narrative passages. One of them deals with the participation of Fernando, Suzana's (Vanja's deceased mother) ex-husband, in the Araguaia guerrilla movement. While admitting that the main story is about Vanja, and agreeing with the theses of several academics that the theme of the novel is uprooting and the search for a form of belonging that goes beyond the national and territorial, this work focuses on the figure of the deuteragonist, Fernando. Based on the theory of character figuration (REIS, 2015), the poetics of the historical novel (FERNÁNDEZ PRIETO, 1998) and the theory of the *novel of the recent past* (KINGSTONE, 2017), this work dwells on the configuration of the deuteragonist to show how the figure of Fernando (among others) proceeds from the re-elaboration of a historiographical hypotext, *Operação Araguaia* (MORAIS; SILVA, 2011) and, furthermore, how the identity construction of the adolescent Vanja takes advantage of the transmission of Fernando's historical account.

Keywords: *Azul-Corvo*, Adriana Lisboa, character configuration, literature and history, literature and memory.